



TROCAS IN-EX-CORPORADAS EM ARTES

Uma proposta que abraça formas de conhecimento do corpo e de povos originários

INTERCAMBIOS IN-EX-CORPORADOS EN ARTES

Una propuesta que abraza formas de conocimiento del cuerpo y de los pueblos originales

IN-EX-BODIED EXCHANGES IN ARTS

A proposal that embraces the body ways of knowledge and those from indigenous people

*Alba Pedreira Vieira*¹

Universidade Federal de Viçosa

apvieira@ufv.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7622-1622>

Resumo

Abordo nesse texto uma proposta, 'in-ex-corporação', elaborada desde meu doutorado. Construída a partir de experiências educacionais vividas por professores universitários de Dança de seis países, a mesma foi enriquecida com saberes de experiências vividas com os Krahô. Estabeleço diálogo entre ideias de Paulo Freire e autores de diferentes localidades geográficas, filosóficas e epistemológicas em busca de consonâncias e nuances. Mas o objetivo não é reforçar oposições de ideias, competições intelectuais e/ou enfatizar pensamentos binários. Pelo contrário. Ao considerar que todas as propostas são incompletas, imperfeitas, inacabadas e em estado de devir, procuro encontrar caminhos para complementá-las. A proposta que apresento pode ser adotada na formação de docentes-pesquisadores-artistas, incluindo os do Teatro e Dança, pois sugere nutrirmos a curiosidade que busca descobrir a riqueza que existe no que nos torna semelhantes – somos todos seres humanos e compartilhamos o existir com e como seres vivos. A curiosidade, que caminha aliada à 'consciência e suspensão' de pré-julgamentos e pré-conceitos, pode ser um dos elementos a orientar nossas práticas formativas como artistas, docentes e pesquisadores. Como seres vivos que co-existem e respeitam semelhanças e nuances da nossa comum humanidade. Comunidade. O relacionamento afetivo entre corpos que gera o saber coletivo, tão presente em conhecimentos de indígenas, é algo que poderíamos priorizar em formações de artistas-pesquisadores-docentes. Na nossa co-existência com outros seres vivos (humanos, animais, natureza, universo...), sugiro que a in-ex-corporação possa ser imaginada como uma proposta que se coloca em eterno estado de criação. Como uma dança que nunca tem fim. Educar, a meu ver, é imaginar possibilidades. Sonhar com um outro mundo mais afetivo. Imaginar outra arte, também. Imagino 'obras', ações, posturas, atitudes,

¹ Ph.D. em Dança, professora associada do Curso de Graduação em Dança da Universidade Federal de Viçosa.

VIEIRA, Alba Vieira. Trocas in-ex-corporadas na formação em artes: uma proposta que valoriza formas de conhecimento do corpo e de povos originários. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1e 2, p. 203-218, 2020.

Organização de Dossiê: Profª. Dra. Ana Carolina Abreu

Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio

ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



performances, falas que transformem visões e práticas na formação do artista-docente-pesquisador que possam potencializar a nossa humanidade comum. Ao mesmo tempo em que respeitamos, valorizamos e damos visibilidade à pluralidade de experiências estéticas, éticas, às artes e conhecimentos de todes, em particular de povos originários.

Palavras-Chave: Corpo; Arte; Povos Indígenas.

Resumen

En este texto me acerco a una propuesta, 'in-ex-corporation', desarrollada desde mi doctorado. Construida a partir de experiencias educativas vividas por profesores universitarios de danza de seis países, enriquecí la propuesta con conocimientos de las experiencias vividas con los Krahô. Establezco un diálogo entre las ideas de Paulo Freire y autores de distintas localizaciones geográficas, filosóficas y epistemológicas en busca de consonancias y matices. Pero el objetivo no es reforzar oposiciones de ideas, competencias intelectuales y/o enfatizar pensamientos binarios. Por lo contrario. Al considerar que todas las propuestas son incompletas, imperfectas, inacabadas y en estado de devenir, trato de buscar formas de complementarlas. La propuesta que presento puede ser adoptada en la formación de profesores-investigadores-artistas, incluidos los de Teatro y Danza, ya que nos obliga a nutrir la curiosidad que busca descubrir la riqueza que existe en lo que nos asemeja - todos somos seres humanos y compartimos la existencia con y como seres vivos. La curiosidad, que va de la mano de la "conciencia y suspensión" de juicios y prejuicios, puede ser uno de los elementos para orientar nuestras prácticas de formación como artistas, docentes e investigadores. Como seres vivos que conviven y respetan las similitudes y matices de nuestra humanidad común. Comunidad. La relación afectiva entre cuerpos que genera el saber colectivo, tan presente en el saber de indígenas, es algo que podríamos priorizar en la formación de artistas-investigadores-docentes. En nuestra convivencia con otros seres vivos (humanos, animales, naturaleza, universo ...), sugiero que la in-ex-corporación puede imaginarse como una propuesta que se coloca en un estado eterno de creación. Como una danza que nunca termina. Educar, en mi opinión, se trata de imaginar posibilidades. Soñando con un mundo más afectuoso. Imagino también otro arte. Imagino "obras", acciones, posturas, actitudes, performances, discursos que transforman visiones y prácticas en la formación del artista-docente-investigador que pueden realzar nuestra humanidad común. Al mismo tiempo que respetamos, valoramos y damos visibilidad a la pluralidad de experiencias estéticas, éticas, a las artes y al conocimiento de todos, particularmente de los pueblos originarios.

Palabras Clave: Cuerpo; Arte; Pueblos Indígenas.

Abstract

In this text, I discuss a proposal, 'in-ex-bodiment', developed since my doctorate. This proposal is based on the study of lived teaching experiences of higher dance educators from six countries. I enrich the proposal with knowledge from my own lived experience with the Krahô. Looking for for consonances and nuances, I also establish a dialogue between Paulo Freire's and other authors' ideas. My discussion is with people from different geographical, philosophical and epistemological locations. The aim is not to

VIEIRA, Alba Vieira. Trocas in-ex-corporadas na formação em artes: uma proposta que valoriza formas de conhecimento do corpo e de povos originários. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1e 2, p. 203-218, 2020.

Organização de Dossiê: Profª. Dra. Ana Carolina Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



reinforce oppositions of ideas, intellectual debates or to emphasize binary thoughts. On the opposite, by considering all proposals are incomplete, imperfect, unfinished and in a state of becoming, my objective is to find ways to complement them. The approach I present might be adopted in teacher-researcher-artist trainings, including those on Theater and Dance, as it suggests we nurture curiosity that seeks to discover the wealth existing in what makes us similar - we are all human beings and we share the existence with and as living beings. Curiosity, which goes hand in hand with 'awareness and suspension' of pre-judgments and preconceptions, can be one of the elements to guide our educational practices as artists, teachers and researchers. As living beings that co-exist and respect the similarities and nuances of our common humanity. Community. The affectionate relationship between bodies who generates collective knowledge, so present in indigenous knowledge, is something we could prioritize in the educational process of artist-researchers-teachers. In our co-existence with other living beings (humans, animals, nature, universe ...), I suggest in-ex-bodiment can be imagined as a proposal placed in an eternal state of creation. Like a dance that never ends. Education, in my view, is to imagining possibilities. Dreaming of a more affectionate world. It is to imagine another art, too. I imagine 'works', actions, postures, attitudes, performances, speeches that transform visions and practices in the formation of the artist-teacher-researcher that may enhance our common humanity. At the same time that we respect, value and give visibility to the plurality of aesthetic, ethical experiences, to the arts and knowledge of all, particularly those of the original peoples.

Keywords: Body; Arts; Indigenous People.

CONTEXTO COREOGRÁFICO

Experiências artísticas vivenciadas (exemplo, figura 1) e criadas com os povos originários (Vieira, 2018)² e com quilombolas (Vieira, prelo)³ reacendem memórias afetivas potentes quando inicio a escrita desse texto. Uma "tempestade corporal" me assola como um tsunami e me faz revirar na cadeira diante da tela vazia do computador. "Tempestade corporal" foi termo que cunhei (Vieira, 2007) por considerar melhor expressar a revolução holística que podemos vivenciar durante reflexões do, pelo, no e com o corpo. Essa crítica me auxilia outras camadas de reflexões

além das já geradas. Esse Termo cunhado durante minha pesquisa de doutorado nos Estados Unidos (Vieira, 2007), pois continuamente me deparava em pesquisas acadêmicas com a expressão "tempestade cerebral" (*brainstorm* em inglês). Por compreender que esse termo privilegia a cognição mental - e não a cognição corporal, e também que cérebro é corpo, tenho desde então optado por usar "tempestade corporal", que melhor reflete o turbilhão holístico que invade o ser humano em várias ocasiões no processo de construção de conhecimento. Como agora, quando encaro a escrita como uma camada a mais na geração de pensamentos, compreensões, reflexões.

² Vide "Boitatá" <<https://youtu.be/APS0XxLfQ2s>>; "Kuhin" <<https://youtu.be/GqqpqF05sKg>>; "Pó de yãkôana: curando os males da floresta" <<https://youtu.be/Zyvjh58WvCI>>; "Dançar dos espíritos" <<https://youtu.be/qK2xwyw6QsQ>>; "Atrasar adiar ou ideias de um tempo pausado" <<https://youtu.be/F5pRfWdvsT4>>.

³ Vide "Margo e Karvo" <https://youtu.be/nDp8Zxal-m0>



TEATRO: criação e construção de conhecimento



Figura 1. “Boitatá”: videodança criada mesclando imagens de queimadas na Kraolândia gravadas por Francisco Hyjnõ, em 2020, e cedidas à Alba Vieira que as editou com imagens suas dançando em área de reserva incendiada criminalmente na comunidade Kalunga em Cavalcante/GO. Essa obra ganhou o prêmio especial NEMA (Núcleo do Meio Ambiente) no VI Festival Audiovisual FIAM-FAAM (2020). Link para assistir a obra: <<https://youtu.be/APSOXxLfQ2s>>. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

Abordo nesse texto uma proposta metodológica, ‘in-ex-corporação’, elaborada desde o doutorado (*ibid*) a partir de experiências de ensino vividas por professores universitários de Dança em diferentes países. Essa abordagem foi pensada para ser desenvolvida na formação de pesquisadores-docentes, principalmente os das artes corporais (Teatro e Dança), mas não se restringindo aos mesmos. Estabeleço diálogo entre ideias de Paulo Freire e autores de diferentes localidades geográficas, políticas, filosóficas, epistemológicas na busca por pontos de consonâncias e também de nuances. Ao invés de reforçar oposições de ideias, competições intelectuais e/ou debates de pólos binários de pensamentos (hierarquização de pensamentos de colonizadores e colonizados, por exemplo), procuro reforçar a complementaridade. Considero que toda proposta é incompleta, imperfeita, inacabada e em estado de devir. Inclusive a que apresento.⁴

⁴ Não vou denominar essa proposta como decolonizadora, para evitar debates que não considero centrais nesse texto; vide Tuck e Young, 2012.

À medida que busco iluminar conhecimentos, piso suave, seguindo a orientação de Ailton Krenak (Martins, 2018), em prol da expansão e diluição de territórios e fronteiras. Assim, as ‘conversas’ que apresento refletem perspectivas variadas para possibilitar a ampliação do espectro com diversos pontos de vista e significados possíveis sobre a temática. Nessa discussão, além dos diálogos entre autores variados, incluo conhecimentos compartilhados por meio de experiências culturais vivenciadas com o povo Krahô, como a videodança “Kuhin” (figura 2).



Figura 2. “Kuhin”: videodança criada mesclando imagens gravadas na kraolândia por Alba Vieira em visita que ali fez em 2017, e editadas com imagens suas dançando no estúdio da TV Viçosa (MG). Essa obra já foi exibida em vários eventos no Brasil - por exemplo, na Mostra da Galeria Canizares/UFBA em 2020 e no exterior, incluindo Portugal e Nova Zelândia. Link para assistir a obra: <<https://youtu.be/GqqpqF05sKg>>. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

Desdubro então, nesse texto, a proposta metodológica ‘in-ex-corporação’, anunciada em 2007, a saberes incorporados dos povos originários Krahô em uma visita que fiz à uma de suas aldeias em 2017. Memórias afetivas aumentam minha circulação sanguínea ao lembrar essa experiência de alguns anos atrás. Ressalto o que consideramos (eu, outros autores que compartilho nessa escrita, e os indígenas de maneira geral) como fundamental no processo de geração de conhecimentos e pensamentos: o corpo. Principalmente quando escrevo.

De forma intuitiva, venho me aproximando, cada vez mais, dos caminhos

VIEIRA, Alba Vieira. Trocas in-ex-corporadas na formação em artes: uma proposta que valoriza formas de conhecimento do corpo e de povos originários. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1e 2, p. 203-218, 2020.

Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

dos saberes e significados do (não somente sobre) corpo ao longo da minha vida. Isso inclui minha jornada com a dança – primeiramente quando criança, com minha família em eventos sociais, depois como adolescente com amigos nas ‘baladas’. Com dez anos, comecei a ter aulas de dança de forma sistematizada na escola onde estudava. Paixão arrebatadora que me levou a pedir aos meus pais: “matriculem-me em um estúdio de dança para eu ter mais aulas”. Daí para abraçar a dança como profissão foi um pulo.

Jornada orgânica.

Comecei a ministrar aulas de dança com 17 anos em uma escola de ensino básico em Goiânia/Goiás, e em 2002 como professora no Curso de Graduação em Dança (Licenciatura e Bacharelado) da Universidade Federal de Viçosa/UFV, Minas Gerais. Auxiliei intensamente na fundação desse curso por acreditar na forma de saber do corpo e que, desde muito nova, percebi que me orientava sempre.

Para entender com profundidade os processos de cognição do corpo, em 2003 iniciei minha pesquisa de doutorado sobre a natureza da qualidade pedagógica no ensino superior de dança (Vieira, 2007). De início, incorporei ao estudo ideias críticas do educador Paulo Freire (2004, 1987, 1980), algumas das quais já conhecia, investigava e admirava desde minha graduação (licenciatura em Educação Física). Aos poucos, as “tempestades corporais” com a coleta de dados da pesquisa junto aos participantes revelaram o que me parecia poderia enriquecer e/ou complementar a proposta de Freire.

Generosidade de partilha: 25 professores universitários de dança de seis países me contaram histórias marcantes da sua vida profissional como educadores no ensino superior. A ‘coreografia’ que eu paulatinamente criava, via prática como pesquisa e pesquisa experiencial, a partir de

reflexões sobre/com essas experiências vividas me traziam alívio, alegria, conforto. Inquietação também. Alguns ‘nós’ começavam a se atar quando vi semelhanças entre a minha experiência com a dança ao longo da vida, incluindo como professora universitária, e as dos participantes. São alguns desses ‘nós’ que apresento a seguir, e que fundamentam a proposta da in-ex-corporação.

LABORATÓRIOS DE CRIAÇÃO: CONTATO-IMPROVISAÇÃO ENTRE FREIRE E OUTROS AUTORES

Vários autores, dentre eles Mota Neto (2015), apresentam e defendem propostas de Paulo Freire (e.g., 2000, 1992, 1996) como decolonizadoras,⁵ esclarecendo alguns aspectos para considerá-la como tal. Apresento alguns desses pontos que acredito podem ser complementados e enriquecidos.

Freire sugere a tolerância (2004) como forma de conviver com o diferente (Mota Neto, 2015). Na minha pesquisa, resalto o que temos em comum para podermos co-existir de forma mais solidária: nossa humanidade. É o que nos une. Para complexificar esse assunto, vejamos o que pensa Ailton Krenak:

[...] qual é o próximo passo que podemos dar no sentido de superar uma dicotomia do mundo do branco e do índio. Eu não acredito que seja sustentável essa condição de mundo do branco e do índio, temos que ser capazes de romper com essa fronteira. Agora como você rompe com essa fronteira sem esmagar e anular as diferenças? (Silva, 2018, s/p).

Certamente, nós (Krenak e eu) defendemos a pluralidade de matrizes culturais, de línguas, e assim por diante. Mas será que, ao reforçamos tanto diferenças entre pessoas, não poderíamos estar

⁵ Na sua tese de doutorado, ele explica por que prefere usar o termo decolonizador ao invés de descolonizador; vide a pesquisa para maiores detalhes.

VIEIRA, Alba Vieira. Trocas in-ex-corporadas na formação em artes: uma proposta que valoriza formas de conhecimento do corpo e de povos originários. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 203-218, 2020.

Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

sinalizando também a suposta necessidade de segregação do ser humano que é tido como diferente? Colocá-lo em um território demarcado, por exemplo? Ou em um sanatório (no caso dos considerados loucos)?

Entendo que a formação de artista-pesquisador-docente não deve ser voltada para tolerarmos a arte, a estética, os conhecimentos ‘diferentes’ de indígenas como o batismo (figura 3) e a corrida de tora (figura 4).



Figura 3. O batismo, costume na cultura Krahô (como esse ocorrido em 2020 de Pátwy, instrumento musical), busca estabelecer relação de parentesco da etnia com pessoas que vêm de fora, e que devem fazer parte de uma família. Assim, a pessoa batizada leva o nome de seu padrinho ou madrinha. O nome é associado à função social que, a partir de então, essa pessoa vai exercer durante sua vida. O batismo é rito de extrema importância (André; Psereira, 2018). **Foto:** Francisco Hyjnô. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.



Figura 4. As toras feitas do tronco de jequitibá são carregadas nos ombros pelos competidores durante as corridas de tora (vide Abreu, 2015), como essa em 2020, registrada por Francisco Hyjnô. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

A proposta in-ex-corporada sinaliza a importância de trocas porosas e contínuas consigo (INterior) e com outros corpos

(EXterior). Nessas, assumimos e reconhecemos nossa humanidade ao respeitarmos e abriremos espaços para a ampla e livre circulação de ideias, trabalhos artísticos, experiências ético-estéticas de todes, especialmente de indígenas e de demais populações ‘marginalizadas’. Não há por que reforçar que ‘os diferentes’ fiquem em suas aldeias e/ou territórios, sem contato e interação com o mundo se assim desejarem e/ou sentirem necessidade.

Freire propõe a conscientização baseada em reflexão crítica [mental] e no diálogo [oral] (Mota Neto, 2015). Experiências no ensino superior da Dança, próprias e dos colegas participantes na minha investigação de doutorado sobre a natureza do ensino da Dança em universidades, revelam que as formas de reflexão e diálogo de Freire podem ser complementadas por perspectivas holísticas que são comuns nos saberes de artistas do corpo e dos povos originários. O ponto em comum dessa abordagem holística se dá por entendermos que: (1) reflexão e/ou pensamento não são apenas mentais, mas do corpo como um todo; (2) diálogos não são apenas orais, mas também, e principalmente, corporais (figura 5).

VIEIRA, Alba Vieira. Trocas in-ex-corporadas na formação em artes: uma proposta que valoriza formas de conhecimento do corpo e de povos originários. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1e 2, p. 203-218, 2020.

Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento



Figura 5. Diálogo corporal afetuoso e alegre entre pai, o cacique das fronteiras Francisco Hyjñõ e sua filha, Iza Juhkryj Krahõ. Imagem registrada em 2020. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

Freire defende o colonizado se libertar do que ele chama 'colonialismo epistemológico' (*ibid*). Está aqui implícita uma ruptura julgada necessária, para que se promova o diálogo entre diversos pontos de vista. Essa proposta de Freire pode ser ampliada pelo pensamento de outro autor considerado decolonialista, Frantz Fanon (2005). Fanon acredita que o colonizado não deve 'pagar com a mesma moeda' o colonizador. A maioria dos colonizadores adotou e valorizou a epistemologia eurocêntrica, recusando-se a reconhecer epistemologias indígenas e africanas. Mas Fanon entende que este erro não deve ser repetido, nem muito menos motivo para que ex-colonizados e/ou descendentes de escravos usem as mesmas estratégias dos colonizadores em termos de construção de conhecimentos. Um exemplo concreto dado por Fanon foi o convite ao filósofo francês Jean Paul-Sartre para

escrever o prefácio do seu livro "Os Condenados da Terra".

Freire reforça o papel do educador de empoderar as classes populares (Mota Neto, 2015). Elizabeth Ellsworth (1989) compreende que esse tipo de argumento revela dinâmicas implícitas das relações de poder, e questões sobre quem produz o conhecimento legitimado como aquele que é 'o empoderador'. Ou seja, ela sugere que professores universitários (ou de qualquer outro nível de ensino) não empoderem ninguém, pois agir assim é determinar quem tem legitimidade e superioridade para delegar poder aos que são considerados oprimidos (figura 6). Freire não tratou especificamente da opressão de indígenas, mas esses seriam considerados oprimidos pela sua ótica.

Professores que consideram sua supremacia para empoderar oprimidos podem perpetuar relações de dominação em sala de aula, com troca apenas de pontos de vista – o colonizador impõe seu poder, assim como o professor que age sob a lógica do empoderamento de seus alunos.

Freire destaca a formação do pesquisador-docente baseado na realidade/contexto do estudante (Marques, 1999). A partir dos resultados da minha pesquisa de doutorado, em que conheci melhor o 'mundo' pedagógico de docentes de diferentes contextos, realidades, localidades geográficas, repertórios, histórias de vida, perspectivas pedagógicas, filosóficas e epistemológicas, passei a compreender a necessidade de encontrarmos um equilíbrio entre se considerar os contextos do estudante e do professor.

VIEIRA, Alba Vieira. Trocas in-ex-corporadas na formação em artes: uma proposta que valoriza formas de conhecimento do corpo e de povos originários. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1e 2, p. 203-218, 2020.

Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



Figura 6. Criança Krahô – ser humano oprimido pela cultura capitalista, e a ser empoderado (por quem?) segundo a visão Freiriana. **Foto:** Francisco Hyjnô, 2020. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

Percebi que todes envolvidos no processo educacional, investigativo, artístico, se encontram em co-existência. Não há por que desconsiderar a realidade do professor em prol da do estudante. Nem vice-versa. Freire aponta que o professor deve construir o processo educacional considerando o contexto do aluno. Escolher uma realidade somente parece-me construir uma relação que reforça dicotomias. O que a meu ver, devemos buscar superar.

A seguir, abordo “Saberes do corpo”, um aspecto fundamental da proposta “in-ex-corporação”. O assunto é primeiro

discutido em relação a experiências vividas na Kraholândia, e depois em diálogo com vários autores.

EXPERIÊNCIAS VIVIDAS NA ALDEIA MANOEL ALVES PEQUENO

Em 2017, visitei o território indígena Kraholândia, uma área de 302 hectares no nordeste do estado do Tocantins, entre as cidades de Itacajá e Goiatins. Bem acolhida pelos indígenas da aldeia Manoel Alves Pequeno, pude observar o cotidiano Krahô em que o saber do corpo orienta suas experiências de vida, incluindo estéticas, artísticas e cosmológicas (que para eles se entrelaçam). Pude perceber que, de forma latente, o que sempre busquei na dança (desde pequena, depois jovem e como professora de Dança na UFV, incluindo a época do doutorado) acontecia ali de forma potente. Corpo na compreensão Krahô é produtor de significados, pensamentos, conhecimentos ético-estéticos, arte e cultura (figura 7). Apresento então a ‘dança’ dos significados do corpo que estão presentes na proposta que chamo de ‘in-ex-corporação,’ a qual pôde ser enriquecida com minhas experiências junto aos Krahô.



VIEIRA, Alba Vieira. Trocas in-ex-corporadas na formação em artes: uma proposta que valoriza formas de conhecimento do corpo e de povos originários. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1e 2, p. 203-218, 2020.

Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

Figura 7. Comida típica: paparuto, massa da mandioca ralada com pedaços de carne. A preparação desse grande bolo de mandioca é um ritual em que mulheres da aldeia ralam a mandioca o dia todo. No entardecer, os homens acendem grandes fogueiras para fazer o moqué, fogueira para esquentar pedras. **Foto:** Francisco Hyjñó, 2020. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

SABER DO CORPO: CURIOSIDADE

Logo que cheguei na aldeia, a forma aberta como demonstravam curiosidade por mim chamou minha atenção. Não houve nenhum subterfúgio e/ou pudor ao me encherem de perguntas, e de me desnudarem com seus olhos. Foi essa clara demonstração de curiosidade que logo me chamou a atenção e ao mesmo tempo me encantou, por considerá-la fundamental na produção em arte e de conhecimentos. E nos relacionamentos. A curiosidade em conhecer melhor o outro é algo que estamos perdendo em grande parte das sociedades urbanas, ‘civilizadas’ e recheadas pelo “espetáculo” (Déborad, 1997). Somos expostos cotidianamente a ‘espetáculos’ midiáticos, notícias tenebrosas, informações múltiplas e muitas vezes ‘escandalosas’. A isso nos acostumamos de tal forma que ficamos anestesiados. Parece que não sentimos curiosidade por mais nada. Algumas vezes até percebemos a curiosidade como algo negativo. Ao mesmo tempo, as redes sociais revelam uma necessidade de se abrir/se expor à curiosidade de outres. E de outres saciarem suas curiosidades também. Mas voltemos à curiosidade por mim compartilhada com os Krahôs.

Eu, que havia chegado ali também curiosa, afinal era meu primeiro contato tão direto com as pessoas da Krahólândia, vi-me surpresa pelos olhares constantes dos jovens, adultos, crianças e velhos. Eu queria estar ali com eles para aprender, trocar saberes do corpo. Mas nem falava sua língua, e quase ninguém falava português. Confiar na linguagem do corpo, esse era o lema.

Finalmente, quando nos entendemos pela linguagem afetiva, ficou tacitamente decidido

que a curiosidade que sentíamos uns pelos outros seria saborosamente degustada nos dias da minha estadia ali.

A curiosidade, em grande parte da nossa cultura ocidental, é naturalmente aceita quando demonstrada pelas crianças. Mesmo assim, nós adultos nos incumbimos de podá-la aos poucos. Perguntas infantis são, muitas vezes, respondidas com respostas ríspidas pela nossa impaciência por não sabermos as respostas ao certo, ou pela nossa pressa. Essas são algumas das nossas desculpas. “Aonde começa o mar?” “Que ideia, o mar não começa nem termina, quanta tolice!”. Esse exemplo de hipotética pergunta infantil e resposta adulta lhe soa familiar?

À medida que crescemos, vamos nos acostumando que podemos ser curiosos em situações específicas. Quando estamos fazendo ciência, por exemplo. Ou então, nossa curiosidade pode se dar pelo que consideramos exótico, diferente; em relação, por exemplo, às culturas, às artes, às práticas ético-estéticas dos ‘diferentes’. Como aquelas dos povos indígenas.

A curiosidade supostamente ‘normal’ na contemporaneidade deve ser respondida com uma lógica mental madura, em que geralmente se busca conhecer, compreender, classificar, analisar, julgar, avaliar, dominar, controlar. Como seria abordar a curiosidade pelas vias do diálogo e das interações corporais afetivas? Sem a necessidade de saciar a curiosidade com respostas mentais/raciocínios tido como lógicos?

A curiosidade que passeia pela jornada da intuição, de forma móvel e circulante como na cultura krahô, é mais comumente aceitável nas artes pela sociedade ocidental capitalista. O artista é tido como ser ‘naturalmente’ questionador. Pessoa que não se enquadra por indagar sobre regras vigentes e hegemônicas procurando transgredi-las. Em dança contemporânea, a curiosidade pode levar a busca por pesquisas e descobertas de

VIEIRA, Alba Vieira. Trocas in-ex-corporadas na formação em artes: uma proposta que valoriza formas de conhecimento do corpo e de povos originários. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 203-218, 2020.

Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

movimentos inusitados, variados, e fora do que estamos acostumados a realizar. Mas há que se tomar cuidado quando se apresenta em artes a curiosidade pela cultura que não é a nossa e que consideramos 'diferente'. Isso pode tomar o rumo de apropriações e representações alegóricas. Algumas vezes até pejorativas.

Voltando à minha experiência com os Krahôs. Havia naquele meu primeiro encontro com eles e elas, a vontade de retornar ao que me era tão familiar quando criança. Abertura para o novo, vontade de suspender julgamentos e somente dançar, por meio de contatos-improvisações, movimentos, gestos e pausas inerentes aos processos de descobertas. Essa forma de curiosidade mútua que se revelou entre nós naquele início de interações, manteve-se por mais alguns dias. Mas não durante todo o tempo em que ali estive. Curiosidade orgânica, cheia de afeto, em que não me senti intrusa e nem busquei ser bisbilhoteira, intrometida.

A curiosidade pode ser também criticada quando considerada uma postura romântica. Ser curioso pelo outro que é tido como diferente, bizarro, é ato repudiado. Proponho, por meio da in-ex-corporação, problematizarmos a curiosidade a fim de redescobrirmos vontade, geralmente mútua, que temos de conhecer e aprender com o outro. Indígenas e não indígenas, de forma afetuosa. Trocamos experiências estéticas e éticas, arte e conhecimentos.

Essa curiosidade, quando nos orienta como quando éramos crianças (figura 8), pode nos levar intuitivamente por caminhos não planejados e muito menos teorizados a priori, proporcionando descobertas surpreendentes. Abrirmo-nos assim para variadas formas de compartilhamentos, principalmente em nível corporal, não hierarquizadas e praticando a 'suspensão fenomenológica' (Moran Mooney, 2002).

A suspensão fenomenológica (*ibid*) diz respeito às mudanças radicais na atitude e no ponto de vista pré-conceituosos. Sob essa ótica, indígenas e 'brancos', docentes e discentes, exercitariam a curiosidade mútua cientes de toda dedução ou suposição que é feita à priori, mas buscando 'colocá-la de lado'. Permite-se assim que a curiosidade nos leve a ter *insights* sobre a experiência vivida. Um processo de 'magia', de se deixar encantar por outros. Seremos embalados pela imprevisibilidade. Como é a vida.



Figura 8. Curiosidade de criança Krahô (ao fundo à esquerda) durante um batismo. **Foto:** Francisco Hyjnô, 2020. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

A suspensão fenomenológica (*ibid*) diz respeito às mudanças radicais na atitude e no ponto de vista pré-conceituosos. Sob essa ótica, indígenas e 'brancos', docentes e discentes, exercitariam a curiosidade mútua cientes de toda dedução ou suposição que é feita à priori, mas buscando 'colocá-la de lado'. Permite-se assim que a curiosidade nos leve a ter *insights* sobre a experiência vivida. Um processo de 'magia', de se deixar encantar por outros. Seremos embalados pela imprevisibilidade. Como é a vida.

Sugiro que essa curiosidade, que caminha aliada à 'consciência e suspensão' de pré-julgamentos e pré-conceitos, pode ser um dos elementos a orientar nossas práticas como artistas, docentes e pesquisadores. Como seres vivos que alegremente co-existem (figura 9) e respeitam

VIEIRA, Alba Vieira. Trocas in-ex-corporadas na formação em artes: uma proposta que valoriza formas de conhecimento do corpo e de povos originários. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1e 2, p. 203-218, 2020.

Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

semelhanças e nuances da nossa comum humanidade. Comunidade.

A in-ex-corporação sugere nutrirmos a curiosidade que busca descobrir a riqueza que existe no que nos torna semelhantes – somos todos seres humanos e compartilhamos o existir com e como seres vivos (figura 10). Seria o reforçar das nossas diferenças, um dos motivos de tanta ‘sede’ e ‘fome’ de colonização ao longo da história?



Figura 9. A alegria da curiosidade no encontro entre seres vivos que co-existem com respeito. Cruwakwyj Luzia Krahô e sua filha banhando no rio. **Foto:** Francisco Hyjnô, 2020. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.



Figura 10. Todos somos seres humanos com ‘fome’ e ‘sede’ de compartilharmos afetos. Almoço na virada do ano na Aldeia Manoel Alves Pequeno, Kraolândia. **Foto:** Francisco Hyjnô, 2020. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

SABER DO CORPO: RELACIONAMENTOS

À medida que os dias passavam, minha presença na aldeia Manoel Alves Pequeno ficou mais tranquila, pois havia se passado a intensa ‘curiosidade’ inicial. Foi tomando corpo e se fortalecendo, a troca relacional por meio de várias vivências corporais coletivas: banhar no rio, cozinhar, andar pelo mato, sentar em roda para as prosas (apesar de eu não falar a língua), cantar, ver colher o mel (figura 11). Essas experiências foram essenciais para construirmos afetos.



Figura 11. Krahô colhendo mel do cerrado. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

O convívio com a cultura Krahô me fez valorizar ainda mais intensamente os conhecimentos construídos pelo corpo, e entre corpos que se relacionam. Elemento essencial à proposta in-ex-corporação. Ao discutir sobre esse assunto, Press (2002, p. 60) cita descobertas recentes da neurociência que destacam o corpo como um modo de conhecimento. Esse fato pode estimular as pessoas a buscarem deixar conflitos de lado porque nossa natureza básica é alimentada

VIEIRA, Alba Vieira. Trocas in-ex-corporadas na formação em artes: uma proposta que valoriza formas de conhecimento do corpo e de povos originários. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 203-218, 2020.

Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento

pelo desejo de satisfação da unidade. Ou seja, nós seres humanos somos ‘caçadores’ natos de relacionamentos (figura 12).

Pesquisas em educação, e em educação e dança, se concentram tanto na relação entre professores e alunos (e.g., Pianta; Stipek, Hamre, 2006) quanto na do indivíduo consigo mesmo (e.g., Barbour, 2004). Press (2002) entrelaça o saber somático ou de si (do corpo vivo) em relação com o outro e o ambiente. Algo que parece tão inovador para a Educação Somática e a neurociência, os Krahô e demais povos indígenas sempre souberam e valorizaram: relacionamentos, saberes do corpo, saberes entre corpos, saberes móveis da coletividade.



Figura 12. Cupên (branco) e Mehin estreitando laços. Aldeia Pedra Branca, Kraolândia, 2020. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

A busca por relações em prol do bem estar coletivo eu claramente observei na aldeia Manoel Alves Pequeno (figura 13). As ‘assembleias’ de manhã eram nitidamente um demonstrativo da tomada de decisões que favoreceriam a todes. Também durante as várias visitas que fizemos a outras aldeias da Kraholândia, na companhia de Francisco Hyjnô Krahô, nunca ouvi nada que pudesse remeter à cultura da individualidade.



Figura 13. Aldeia Manoel Alves Pequeno, harmonia entre seres vivos humanos e não-humanos. **Foto:** Francisco Hyjnô, 2020. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

O relacionamento entre corpos que gera o saber coletivo, tão presente nos conhecimentos indígenas, é algo que poderíamos priorizar em formações de artistas-pesquisadores-docentes. Nesse sentido, alertam Kopenawa e Albert (2015): história pessoal e destino coletivo se correlacionam de maneira imbricada e mutuamente dependente. Rompe-se assim com a noção de subjetividade absoluta tão predominante na sociedade capitalista.

Outro ponto positivo desse saber relacional, coletivo, é apontado por Hocking (2004): sentidos subjetivos nos processos educacionais são interrompidos e transformados nas interações com outras pessoas, docentes-discentes, e discentes entre si.

SABER DO CORPO: TOTAL ENVOLVIMENTO

Com o correr dos dias se tornava mais evidente para mim o total envolvimento (mental, sensorial, espiritualizado, relacional, afetivo) do corpo Krahô no processo de construção de conhecimento, de percepção do mundo, de criação de significados e de criação artística. Isso coloca um desafio no foco hegemônico que tem predominado no ensino superior: o cultivo da intelectualidade.

Bresler (2004) considera que as artes, diferentemente das áreas tradicionais (como Física, Biologia, Matemática) são arenas em que o corpo é central, e constitui uma forma de conhecimento. Isso faz com que as artes se

VIEIRA, Alba Vieira. Trocas in-ex-corporadas na formação em artes: uma proposta que valoriza formas de conhecimento do corpo e de povos originários. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1 e 2, p. 203-218, 2020.

Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



tornem um rico espaço para se explorar esse aspecto, fundamental, em uma proposta como a in-ex-corporação, que questiona a ênfase no racionalismo mental.

As múltiplas maneiras de perceber informam o tempo todo a criação de significados acerca do que nos cerca. Assim, não há porque insistirmos na forma incompleta de perceber a si, o mundo e o outro, baseando-nos no emprego exacerbado da racionalidade mental. Adoto, portanto, na in-ex-corporação o entendimento dos povos originários de que o corpo holístico é o responsável pela percepção de si, do outro e do mundo. Percepção é ação, é movimento, é vida. Vida é movimento.

CORPO: CRIAR, IMAGINAR, ARTISTAR

Foi chegando a hora de me despedir. Vontade de ir embora? Nenhuma.

Convites para voltar para a Festa da Batata. Vontade de voltar? Sempre, muita.

Vou também buscando palavras para fechar esse texto. De novo olho para a tela do computador. Nenhuma palavra parece ser possível, adequada, para descrever a imensidão de saberes construídos nos dias passados com os Krahô.

Eu corpo, reviro-me na cadeira novamente. O turbilhão interno não cessa.

É incomensurável as contribuições de Paulo Freire à educação de modo geral, especialmente na construção da proposta pedagógica comumente conhecida como decolonizadora. Mas experiências vividas com indígenas e resultados da minha pesquisa de doutorado apontam algumas nuances que, ousado sugerir, podem enriquecer, complementar e/ou ampliar tal proposta Freiriana. Por exemplo, não vejo motivo para se considerar que há superioridade do educador crítico, politizado, emancipatório,

em relação ao discente, a outros docentes e/ou pessoas cujas posturas são arrogantemente tidas como 'ingênuas', 'acríticas' ou 'românticas'. Se acordamos que não há tal supremacia, então também não há porque se falar que educar de forma decolonizadora inclui empoderar o outro.

Eu parda, doutora em dança, professora universitária, não tenho empoderamento nenhum para 'dar' aos indígenas. E nem a qualquer outra pessoa. Acredito sim, desejo e imagino, possamos trocar energias, forças, conhecimentos, relacionamentos afetuosos, artes, culturas e muito mais! Aprendizado mútuo. Construção coletiva do saber comunitário.

Lembro-me das trocas corporais horizontais que observei na aldeia Manoel Alves Pequeno. Tode sentados em círculo, por horas, ouvindo-se, trocando ideias, histórias. Compartilhando as frutas coletadas (figura 14).

VIEIRA, Alba Vieira. Trocas in-ex-corporadas na formação em artes: uma proposta que valoriza formas de conhecimento do corpo e de povos originários. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1e 2, p. 203-218, 2020.

Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



TEATRO: criação e construção de conhecimento



Figura 14. Compartilhar sabedorias, experiências e oitis do cerrado. **Foto:** Francisco Hyjnõ, 2020. **Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

Enquanto estive ali, não presenciei alguém querer convencer o outro sobre suas supostas verdades. Isso nos convida a repensar a natureza da interação entre docentes e discentes, em que pode haver aprendizado mútuo. Sempre! Embora nem sempre haja esse reconhecimento. Isso nos leva a refletir sobre transcender limites e papéis prescritos.

Outro aspecto que ressalto em possibilidades educacionais, artísticas, culturais, é pensarmos e imaginarmos outras formas de interação entre mundos plurais que co-existem. Inter-relação, inter-diálogo, como proposto por Kopenawa e Albert

(2015) quando narram o caso do xamã que não fica na sua aldeia. Ele sai, se relaciona com outras pessoas, 'homens brancos', e volta sendo o que é: um xamã que agora incorpora conhecimentos dos seus contatos culturais plurais. Um xamã que sabe que também 'contaminou' lá fora outras pessoas.

Ao escrever 'contaminou' os dedos param, instintivamente e subitamente, de digitar. Pausa. Suspiro profundo. No momento em que escrevo esse texto, todes estamos correndo riscos de sermos contaminados pelo Novo Coronavírus. Mas a situação ainda é mais delicada para os mais 'vulneráveis', incluindo indígenas. E então penso como o afeto e o cuidado são pilares fundamentais para qualquer proposta existencial de artistas-pesquisadores-docentes.

Outra pausa. Como será que eles estão? Curiosidade afetiva. Saudades.

Na nossa co-existência com outros seres vivos (humanos, animais, natureza, universo...), sugiro que a in-ex-corporação possa ser imaginada como uma proposta que se coloca em eterno estado de criação. Como uma dança que nunca tem fim. Como um sonho que nos nutre, alimenta nosso viver.

Educar, a meu ver, é imaginar possibilidades. Sonhar com um outro mundo mais afetuoso. Imaginar outra arte, também. Imagino 'obras', ações, posturas, atitudes, performances, falas que transformem visões e práticas na formação do artista-docente-pesquisador que possam potencializar a nossa humanidade comum. Ao mesmo tempo em que respeitamos, valorizamos e damos visibilidade à pluralidade de experiências estéticas, éticas, às artes e conhecimentos de todes, em particular de povos originários.

Recebido em: agosto/2020

Aprovado em: dezembro/2020

Publicado em: março/ 202

VIEIRA, Alba Vieira. Trocas in-ex-corporadas na formação em artes: uma proposta que valoriza formas de conhecimento do corpo e de povos originários. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1e 2, p. 203-218, 2020.

Organização de Dossiê: Profa. Dra. Ana Carolina Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X

Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



REFERÊNCIAS

- ABREU, Ana Carolina Fialho (2015). Hotxuá à luz da etnocenologia: a prática cômica Krahô. *Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas)* - Escola de Teatro, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17916>>. Acesso em 19 mar. 2020.
- ANDRÉ, Carminda Mendres; PEREIRA, Miguel Magalhães Rosa (2018). Diálogo entre Culturas: reflexões a respeito de uma viagem. *Rebento*, São Paulo, n. 9, p. 155-176.
- BARBOUR, Karen (2004). Dream yourself anew: Choreographic strategies in women's solo contemporary dance making. Paper presented at the World Dance Alliance I Congress of Research on Dance International Conference Proceedings, Taiwan, Dance Identity And Intergration, Taipei National University of the Arts.
- BRESLER, Liora. (ed.) (2004). *Moving minds: Towards embodied teaching and Learning*. London: Kluwer Academic Publishers.
- DÉBORD, Guy. (1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- ELLSWORTH, Elizabeth. (1989). Why Doesn't This Feel Empowering? Working Through the Repressive Myths of Critical Pedagogy. *Harvard Educational Review*, v. 59, n. 3, p. 297-325.
- FANON, Fanon. (2005). *Os Condenados da Terra* (E. A. Rocha & L. Magalhães, Trans.). Juiz de Fora: Editora UFJF.
- FREIRE, Paulo (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação*. 3ed. São Paulo: Moraes.
- FREIRE, Paulo (1987). *Pedagogia do Oprimido*. 29ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25ed. São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo (1992). *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 8ed. São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 1ed. São Paulo: Editora UNESP.
- FREIRE, Paulo (2004). *Pedagogia da Tolerância*. Organização de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: UNESP.
- HOCKING, William Brent. (2004). *Enactive teaching in higher education: Transforming academic participation and identity through embodied learning*. Unpublished Ph.D. Dissertation. The University of British Columbia, Canada.

VIEIRA, Alba Vieira. Trocas in-ex-corporadas na formação em artes: uma proposta que valoriza formas de conhecimento do corpo e de povos originários. *Teatro: criação e construção de conhecimento*, V. 8, N. 1e 2, p. 203-218 ,2020.
Organização de Dossiê: Profª. Dra. Ana Carolina Abreu
Editor-Chefe: Prof. Dr. Juliano Casimiro de Camargo Sampaio
ISSN: 2357-710X
Laboratório de Pesquisa e Extensão em Composição Poética Cênica, Narratividade e Construção de Conhecimento (CONAC)
Universidade Federal do Tocantins (UFT)



- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. (2015). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MARQUES, Isabel. (1999). *Ensino de dança hoje: textos e contextos*. São Paulo: Cortez.
- MARTINS, Christiana. (2019). *Entrevista com Ailton Krenak*. Disponível em: <https://expresso.pt/internacional/2018-10-19-Somos-indios-resistimos-ha-500-anos-Fico-pre-ocupado-e-se-os-brancos-vaio-resistir>. Acesso em 26 de maio de 2020.
- MOTA NETO, João Colares. (2015). *Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda*. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém.
- MORAN, Dermot; MOONEY, Tim. (2002). *The phenomenology reader*. New York: Routledge.
- PIANTA, Robert C.; STUHLMAN, Megan W.; HAMRE, Bridget. (2002). How schools can do better: Fostering stronger connections between teachers and students. *New Directions for Youth Development*, n. 93, p. 91-107.
- PRESS, Carol M (2002). *The dancing self: Creativity, modern dance, self psychology and transformative education*. Cresskill, New Jersey: Hampton Press.
- SILVA, Jailson Souza. (2018). A Potência do Sujeito Coletivo – entrevista com Ailton Krenak. *Revista Periferias*, v. 1, n.1,, s/p. Disponível em: <https://revistaperiferias.org/materia/a-potencia-do-sujeito-coletivo-parte-i/>. Acesso em 23 de maio de 2020.
- TUCK, Eve; YANG, K. Wayne. (2012). Decolonization is not a metaphor. *Decolonization: Indigeneity, Education and Society*, v. 1 n. 1, p. 1-40.
- VIEIRA, Alba Pedreira (2007). *The nature of pedagogical quality in higher dance education*. 2007. 300 f. Tese (PhD. em Dança) - Temple University Philadelphia. Philadelphia, 2007. Disponível em: <<https://ufv.academia.edu/AVieira>>. Acesso em: 02 mar. 2020.
- VIEIRA, Alba Pedreira (2018). Escuta Profunda. *Rebento*, São Paulo, n. 9, p. 177-202.
- VIEIRA, Alba Pedreira (prelo). “E a arte com isso?” Poéticas ecosomáticas em videoperformance. IN: Fernandes, C.; Santana, I., Sebiani, L. S. (org.). *Somática, Performance e Novas Mídias*. Salvador: UFBA.
- VIEIRA, Alba Pedreira; BOND, Karen E. (2017). E. Experiências vividas em dança: arte e relacionamento corporificado. *Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*. v.7, n.14, p. 129-152.